

## Aspectos do Ensino na Filosofia da Educação de Tomás de Aquino - A Memória e o Concreto

(notas de conferência proferida no I Colóquio Filosofia e Educação -  
"Educação e Educadores", Feusp, 04-10-04)

**Jean Lauand**  
Prof. Titular FEUSP  
[jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)

Inicialmente, quero parabenizar as colegas, Profa. Dra. Cristiane Gottschalk e Profa. Dra. Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral pela organização deste Colóquio e agradecer pelo convite para estar aqui conversando sobre alguns aspectos do ensino na filosofia da educação de Tomás de Aquino<sup>1</sup>.

Adianto o ponto básico desta conferência: no centro da filosofia da educação de Tomás, encontra-se a tese fundamental de sua antropologia: *anima forma corporis*, a profunda unidade, no homem, entre espírito e matéria: a alma é forma substancial, em intrínseca união com a matéria.

Essa tese, originariamente aristotélica, não era, como se sabe, bem vista nos meios teológicos da época: era considerada perigosa para um cristianismo que não valorizava a matéria e o corpo; a vigência teológica pretendia uma concepção demasiadamente espiritualista do homem: o homem possuiria três almas e a alma verdadeiramente importante seria a espiritual e a condição carnal era considerada antes um estorvo para a elevação do espírito.

Contra essas antropologias "angelistas", Tomás - corajosa e decididamente - afirma o homem total, com a *intrínseca* união espírito-matéria, pois a alma é *forma*: co-princípio ordenado para a *intrínseca* união com a matéria. Quando Tomás diz:

"É evidente que o homem não é só a alma, mas um composto de alma e de corpo" (I, 75, 4).

esse "é evidente", na verdade, refere-se à verdade das coisas e não às opiniões teológicas...

Esse "materialismo" de Tomás está presente in-formando todo seu pensamento, por exemplo: quando discute o jejum nas questões de *Quodlibet*, dirá que

---

<sup>1</sup>. Este texto complementa o estudo introdutório e a tradução de um artigo do *De Magistro*, que será publicado no número dos *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, que recolherá as conferências do Colóquio.

o jejum é sem dúvida pecado (*absque dubio peccat*) quando debilita a natureza a ponto de impedir as ações devidas: que o pregador pregue, que o professor ensine, que o cantor cante..., que o marido tenha potência sexual para atender sua esposa! Aquele que assim se abstém de comer ou de dormir, oferece a Deus um holocausto que é fruto de um roubo<sup>2</sup>.

Tomás aceita tão completamente o corpo como integrante essencial da realidade do ser humano, que esta união se projeta até na operação espiritual que é o conhecimento intelectual:

"A alma necessita do corpo para conseguir o seu fim, na medida em que é pelo corpo que adquire a perfeição no conhecimento e na virtude" (C.G. 3, 144.).

E contra aquela tradição teológica que afirmava a iluminação imediata da inteligência humana por Deus (para o Aquinate Deus nos deu sua luz, dando-nos o intelecto), Tomás afirma que só podemos chegar às idéias mais abstratas e às considerações mais espirituais a partir da realidade sensível, material, concreta:

"O intelecto humano, que está acoplado ao corpo, tem por objeto próprio a natureza das coisas existentes corporalmente na matéria. E, mediante a natureza das coisas visíveis, ascende a algum conhecimento das invisíveis" (I, 84, 7).

Nesta afirmação resume-se a própria estrutura ontológica do homem. E, insistamos, mesmo as realidades mais espirituais só são alcançadas, por nós, através do sensível:

"Ora - prossegue Tomás -, tudo o que nesta vida conhecemos, é conhecido por comparação com as coisas sensíveis naturais".

Esse voltar-se para o concreto, para o sensível, marca profundamente não só a pedagogia, mas é mesmo uma chave de interpretação todo o pensamento de Tomás de Aquino. Veremos alguns exemplos, mais diretamente ligados à questão do ensino.

### **Tomás: antes e acima de tudo um professor<sup>3</sup>**

---

<sup>2</sup>. Et ideo huiusmodi sunt adhibenda cum quadam mensura rationis: ut scilicet concupiscentia devitetur, et natura non extinguatur; secundum illud Ad Rom., XII, 1: "exhibeatis corpora vestra hostiam viventem; et postea subdit: rationabile obsequium vestrum. Si vero aliquis in tantum virtutem naturae debilitet per ieiunia et vigílias, et alia huiusmodi, quod non sufficiat debita opera exequi; puta praedicator praedicare, doctor docere, cantor cantare, et sic de aliis; absque dubio peccat; sicut etiam peccaret vir qui nimia abstinentia se impotentem redderet ad debitum uxori reddendum. unde Hieronymus dicit: "De rapina holocaustum offert qui vel ciborum nimia egestate vel somni penuria immoderate corpus affligit; et iterum rationalis hominis dignitatem amittit qui ieiunium caritati, vigílias sensus integritati praefert. (*Quodl.* 5, q. 9, a. 2, c).

<sup>3</sup>. Neste tópico recolho algumas das idéias apresentadas por Pieper em seu *Hinführung zu Thomas von Aquin*.

Tomás era essencialmente um professor. Agostinho, não. Agostinho era essencialmente um escritor. Agostinho dizia de si mesmo que era um homem "que escreve à medida que cresce e que cresce à medida que escreve". Outros homens são essencialmente políticos: nem bem acabou a eleição ontem, e Paulo Maluf - fragorosamente derrotado - já declarou que vai continuar concorrendo... Chaplin era essencialmente um ator. Conta-se que certa vez cantou numa festa e cantou muito bem. Quando os amigos foram felicitá-lo, ele declarou: "Não, eu canto muito mal... Isto (e "isto" era um cantar brilhante) era só uma imitação..."

Tomás era essencialmente um professor, uma vocação que afeta a totalidade da vida: não é por acaso que o "professar" ficou reservado para o professor: ninguém diz: "Bom dia engenheiro", "Bom dia, encanador" etc., mas todo mundo diz: "Bom dia, professor".

Tomás cresce quando ensina e ensina quando cresce. Seu primeiro biógrafo fala insistentemente de que arrastava os estudantes com seu estilo novo de dar aulas, de argumentar, de responder...

Esse seu professar de professor é tão arraigado que Tomás tem de defender a possibilidade de um religioso dedicar-se ao estudo e à docência e mostrar que a docência é uma das formas mais elevadas de vida espiritual, em total harmonia com a vida contemplativa: *Maius est illuminare quam lucere!* Iluminar é mais do que ter luz.

Já no Prólogo da *Suma Teológica*, Tomás fala de vícios do ensino, ao mesmo tempo em que se dirige aos estudantes, dizendo que seu propósito é o de dialogar com os que iniciam seus estudos universitários<sup>4</sup>: os estudantes encontram graves dificuldades: pela multiplicação de questões inúteis, pela multiplicação de argumentos inúteis, que os colegas não seguem a ordem real das coisas mas a dos livros e que o ensino é repetitivo e aborrecido<sup>5</sup>.

### **O status da memória**

É bom observar - também quando pensamos no ensino - que não é só a inteligência que está acoplada ao concreto: mais radicalmente ainda está a memória...

Também aqui Tomás rompe com as vigências, rompe com aquela tradição que situa a memória em elevado plano espiritual, ao lado da inteligência e da vontade. Assim, no homem, feito à imagem e semelhança de Deus, encontram-se - tal como na Trindade - três (realidades espirituais) unidas em um.

No sermão 52, Agostinho apresenta essas três realidades, que se podem apontar separadamente, mas são inseparáveis em sua operação:

Homem, tens memória? Se não a tens como reteéns o que digo? Sim, talvez tenhas esquecido o que eu há

---

<sup>4</sup>. Quia catholicae veritatis doctor non solum provector debet instruere, sed ad eum pertinet etiam incipientes erudire, secundum illud Apostoli I *Ad Corinth.* 3, tanquam parvulis in Christo, lac vobis potum dedi, non escam; propositum nostrae intentionis in hoc opere est, ea quae ad christianam religionem pertinent, eo modo tradere, secundum quod congruit ad eruditionem incipientium.

<sup>5</sup>. Consideravimus namque huius doctrinae novitios, in his quae a diversis conscripta sunt, plurimum impediri, partim quidem propter multiplicationem inutilium quaestionum, articularum et argumentorum; partim etiam quia ea quae sunt necessaria talibus ad sciendum, non traduntur secundum ordinem disciplinae, sed secundum quod requirebat librorum expositio, vel secundum quod se praebebat occasio disputandi; partim quidem quia eorundem frequens repetitio et fastidium et confusionem generabat in animis auditorum. haec igitur et alia huiusmodi evitare studentes, tentabimus, cum confidentia divini auxilii, ea quae ad sacram doctrinam pertinent, breviter ac dilucide prosequi, secundum quod materia patietur.

pouco "disse". Mas, e este "disse" que acabo de proferir, estas duas sílabas, só as reténs porque tens memória. Como saberias que são duas, se ao soar a segunda, já tivesses esquecido a primeira? Por que continuar, por que me esforço por convencer, se é evidente que tens memória? (...) Quando eu anunciei que ia falar de três realidades já ouvi algumas vozes antecipando: "Memória!". Para dizer isto, de que te valeste? Esta palavra que disseste, "memória", foi produto da tua memória que a reteve; da inteligência, para saber o que retinhas; da vontade, para proferir o que sabias. Demos graças ao Senhor nosso Deus, que nos ajudou na tua pessoa e na minha! Digo-vos com toda a sinceridade que eu estava com muito medo de entrar nessa questão. Temia que satisfazendo os mais capazes, entediasse os mais tardos. Mas, agora, vejo pela atenção com que escutais e pela rapidez com que compreendeis, que não só entendestes, mas até vos antecipais ao que eu ia dizer. Graças a Deus!. Das três realidades em questão só a memória foi mencionada. Memória é só uma delas e, no entanto, dizer "memória" foi obra das três. Não se pode nem dizer a palavra "memória" sem a ação da vontade, da inteligência e da memória. Não se pode nem dizer a palavra "inteligência" sem a ação da memória, da vontade e da inteligência. Não se pode nem dizer a palavra "vontade" sem a ação da memória, da inteligência e da vontade. (*Sermo 52, 19-20*<sup>6</sup>)

E no *De Trinitate* (sobretudo no livro XV), Agostinho apresenta a memória como a primeira realidade do espírito, da qual procedem o pensar e o querer: é portanto um reflexo de Deus Pai, do qual procedem o Verbo e o Espírito Santo<sup>7</sup>.

O jovem Tomás do *Comentário às Sentenças* ainda fala de três potências espirituais: memória, inteligência e vontade. Mas na *Summa* e no *De Veritate* rompe com essa visão, situando a memória como uma faculdade sensível.

Por exemplo, quando na *Suma*, explica que a memória é parte da Prudência, afirma:

A prudência aplica o conhecimento universal aos casos particulares, dos quais se ocupam os sentidos. Daí que a prudência requer muito da *parte sensitiva*, na qual se inclui a memória. (I-II, 49, 1 ad 1)

Para além de todas as distinções (é evidente que há uma dimensão da memória que é intelectual - lembrar de um teorema - etc. ) e tendo em conta que no homem tudo está integrado pela alma..., a memória é fundamentalmente sensorial.

---

6. *Sermones*, vol 1., Madrid, BAC, 4a. ed., 1981.

7. Cf. Pieper, Josef *Virtudes Fundamentales*, Madrid, Rialp, 1976, p. 48.

Tomás, no ad 2 de II-II,49,1, ao apontar as leis fundamentais da memória diz que para nos lembrarmos devemos estabelecer semelhanças (*similitudines*) adequadas para o que se quer recordar. Mas, afirma, não semelhanças usuais, pois guardamos melhor o invulgar. E, assim, prossegue o Aquinate, é necessário encontrar semelhanças ou imagens, pois as realidades espirituais facilmente se esvaem se não estão "amarradas" a alguma semelhança corpórea (*nisi quibusdam similitudinibus corporalis quasi alligentur*). E isto, conclui, porque o conhecimento humano é mais forte com relação ao sensível.

À luz deste princípio (aliás, bastante empírico), torna-se imediatamente evidente a extraordinária força educativa, elucidadora da realidade, das *similitudines* de que fala Tomás.

Neste ponto, procurarei eu mesmo seguir o conselho de Tomás e apresentar alguns exemplos concretos.

Um sugestivo exemplo é o da diferença entre certos provérbios nossos e os correspondentes árabes, muito mais concretos e, portanto, mais fortes e sugestivos. Para o nosso, tão abstrato:

"A educação vem do berço",

encontramos como correspondente na tradição árabe:

"O pai dele é alho; a mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?"

Note-se que, na indefectível e infinita imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma. O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais diz: *Min riḥat umuhu* - ou *abuhu* - , "do aroma de sua mãe (ou pai)" e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo - 2 Cor 2,15 - escrevia que os cristãos devem ser "*bonus Christi odor*". Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: "a educação".

Outro exemplo especialmente ilustrativo é o caso de um provérbio que, para o ocidental é expresso em extremos de abstração, enquanto o árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta, figurativa. O ocidental diz:

"Quem o feio ama, bonito lhe parece"

Mais abstrato, impossível: "Quem", "o feio", "bonito".... Já a formulação árabe é:

*Al-qurd b'ayn ummuhu gazal* - "O macaco, aos olhos de sua mãe, é uma gazela"

### **Voz Média e a concretude da gíria brasileira**

Nesse voltar-se para o concreto, algumas geniais imagens de nossa gíria valem por mais de mil palavras. Vou deter-me em um único exemplo, rico do ponto de vista filosófico e antropológico. E mais: a metáfora dessa gíria não se trata apenas de uma

comparação para expressar algo que já tínhamos, mas trata-se, talvez, do único acesso a importantes realidades.

Refiro-me à expressão "perder o rebolado", com a qual o português falado no Brasil indica certa perda da espontaneidade numa ação.

As regiões da realidade que nos ficam inacessíveis à falta dessa expressão são as áreas cobertas pela "voz média". Esse recurso gramatical<sup>8</sup> da língua latina está ausente de nossas línguas modernas, derivadas do latim<sup>9</sup>.

Emprega-se a voz média para ações que não se enquadram propriamente na voz ativa nem na voz passiva: ações das quais eu sou o sujeito, mas que não estão sob meu comando. Assim, há ações que não são ativas nem passivas.

O verbo *nasc*er por exemplo não é ativo nem passivo: é muito difícil dizer se sou que eu nasço ou se "sou nascido". Certamente sou eu que nasço, mas não domino ativamente esta ação...; por isso o inglês usa o *nasc*er na passiva: *I was born in 1952*. O mesmo acontece, por exemplo com o *morrer*: a ação é minha, mas não é minha... Uma tentativa de suprir a ausência da voz média é dá-se pelo reflexivo, e vemos que a língua espanhola torna reflexivos verbos que em português não o são: *Yo me muero* etc<sup>10</sup>.

As canções de Paulinho da Viola trabalham muito com a voz média. O samba "Timoneiro" - do qual procede o verso: "Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar... - é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por voz média, verbos depoentes. Não sou plenamente dono do meu navegar; quem **me** navega é o mar. E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar... Etc.<sup>11</sup>

**Timoneiro** (P. Viola - Hermínio Bello de Carvalho, 1997)

Não sou eu quem me navega  
Quem me navega é o mar  
É ele quem me carrega  
Como nem fosse levar  
E quanto mais remo mais rezo  
Pra nunca mais se acabar  
Essa viagem que faz  
O mar em torno do mar  
Meu velho um dia falou  
Com seu jeito de avisar  
"Olha, o mar não tem cabelos  
Que a gente possa agarrar"

---

8. E muito mais do que meramente gramatical: trata-se da própria possibilidade de acessar regiões inteiras da realidade.

9. Uma excelente panorâmica da voz média é a entrevista de Mario Sproviero: "Linguagem e Consciência - a voz média" - <http://www.hottopos.com/mirand3/language.htm>

10. É interessante notar que certas necessidades fisiológicas em espanhol são muito acertadamente expressas em reflexivo, procurando resgatar a perdida voz média.

11. Outra sugestiva canção para nosso tema é "Deixa a vida me levar", de Serginho Meriti e Eri do Cais: "Deixa a vida me levar (vida, leva eu) / Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu / Só posso levantar as mãos pro céu / Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu".

Timoneiro nunca fui  
Que eu não sou de velejar  
O leme da minha vida  
Deus é quem faz governar  
E quando alguém me pergunta  
Como se faz pra nadar?  
Explico que eu não navego  
Quem me navega é o mar  
A rede do meu destino  
Parece a de um pescador  
Quando retorna vazia  
Vem carregada de dor  
Vivo num redemoinho  
Deus bem sabe o que Ele faz  
A onda que me carrega  
Ela mesma é quem me traz

Os verbos depoentes em latim são freqüentemente ricos em sugestões filosóficas: nascer (*nascor*), morrer (*morior*); falar (*loquor*: é falando com você que eu falo comigo mesmo); esquecer, confessar etc.

Esse ativo que não é totalmente ativo, mas que tampouco é passivo é importantíssimo para a Educação e para a Antropologia. A educação, educar, derivada de *educere* "eduzir" (conduzir para fora), afinal, não é colocar algo em um sujeito nem abandoná-lo a si mesmo, mas dar condições ao educando (num processo que não separe educador de educando - educação é sempre comunhão...) de extrair de si... É nesse sentido que educador-e-educando simultaneamente aprendem e ensinam...

Do mesmo modo, as potências passivas do homem não são totalmente passivas, como as ativas não são totalmente ativas.

Tomás, discutindo se a moralidade da ação humana depende do objeto, da realidade, objeta que a ação seria sempre boa porque a realidade sempre é boa. E contra essa objeção, lembra que a potência ativa, como a potência apetitiva é também passiva, *quodammodo passiva* (de algum modo passiva):

“A potência apetitiva – todo o dinamismo humano – é de certo modo passiva, na medida em que se move para aquilo que é apetecível *inquantum movetur ab appetibili*” (I-II 18, 2 ad 3).

E se a realidade é sempre boa, o que conta é a relação na ação concreta que aponta ou não para a realização do ser. Insulina é bom, para o diabético. Contra todo mecanicismo da moral, Tomás dirá que o objeto não é matéria “*ex qua*” da qual se faz a ação, mas “*circa quam*” em torno da qual se exerce o dinamismo do sujeito. Note-se que, para o Aquinate, também o intelecto paciente (possível, passivo) é, sob certo aspecto, ativo...

Antes de passar ao exame da gíria que indicávamos, vale a pena recordar a contundente sentença de Tomás: "Tudo o que nesta vida conhecemos, é conhecido por comparação com as coisas sensíveis naturais". Acostumados a pensar que só há vozes ativa e passiva, tal como nos impõe a gramática de nossa língua, e desconhecendo o grego e o latim, o estudante encontra dificuldades para aprender o que é a voz média. E sempre se corre o risco de pensar que se trata de uma construção conceitual abstrata e artificial (na verdade, é naturalíssima), uma latinice postiça. Todas essas dificuldades se dissipam quando evocamos a imagem concreta da gíria: "*perder o rebolado*".

É essencialmente incompleta a caracterização de "perder o rebolado" no dicionário *Aurélio*, que o reduz a um mero "perder a graça". "Rebolar" é uma dessas ações que só pode ser realizada com um alto grau de automatismo inconsciente, para rebolar é preciso "deixar-se rebolar", "ser rebolado" e não a ativa atitude de "calcular" o meneio.

Precisamente a irrupção do componente ativo e a supressão do passivo é o que faz "perder o rebolado". É conhecido nos esportes o fenômeno do jogador que erra porque sente a responsabilidade de não poder errar, e vemos Zico, Platini, Roberto Baggio, Maradona perderem pênaltis em Copa do Mundo. Quanto menos preocupado em manter o saracoteio, melhor o rebolado: uma quebra dessa "inconsciência", uma interrupção, uma "saia justa" (outra gíria fantástica) e dá-se a paralisia, a perda do rebolado.

É desse ponto de vista que se compreende a sentença evangélica sobre aqueles que querem salvar a vida e, por isso, a perdem (Mt 16, 25) e que se estende a tantas outras realidades que só se obtêm quando não são expressamente buscadas e surgem somente como dom de uma atitude não interesseira (por exemplo, tem-se tanto mais saúde mental, quanto menos se pensa nela... e, reciprocamente, nada melhor para destruir um relacionamento do que querer "salvá-lo" por força de ciúmes).

A título de *Anexo*, apresentamos a seguir o artigo da *Suma Teológica* no qual Tomás apresenta a Memória como parte da virtude da Prudência. O artigo é precedido de uma breve nota sobre a estrutura da *Suma*.

### **Um artigo da *Suma Teológica*: Memória e Prudência**

Apresentamos aqui a tradução de uma página da *Suma Teológica*: o artigo 1 da questão 49 da II-II (II-II, 49, 1), que discute se a memória é parte da virtude da prudência. A *Suma*, obra capital de Tomás de Aquino, está dividida em três grandes **partes**. A parte I (*prima*) trata de Deus Uno e Trino e de Deus como princípio das criaturas. A parte II é dedicada à Ética, e divide-se em duas sub-partes: I-II (*prima secundae*), que examina, em geral, a virtude e o vício, a graça, o pecado etc., e II-II (*secunda secundae*), a segunda parte da segunda parte, na qual trata das virtudes e dos mandamentos, de modo concreto. A parte III discute a Cristologia, a Mariologia, os Sacramentos etc.

Cada uma das 3 grandes partes compõe-se de **questões** (num total de 512); cada uma dedicada a um tema. Cada questão é desmembrada nos diferentes aspectos do tema, que são os **artigos** (um total de 2669 artigos), em número variável (cerca de 4 a 10) por questão.

Cada artigo é uma unidade molecular de estrutura constante, contendo:

A- **Enunciado** do tema em forma de debate. Daí que os títulos comecem pela palavra *utrum*, "se" (p. ex.: "Se a memória é parte da Prudência?").

B- Tomás começa por apresentar **objeções** contra o que vai ser sua própria tese. A introdução de cada objeção também se faz por enunciado constante: *Videtur quod*

*non...*, "parece que não..." (no artigo que aqui apresentamos: "Parece que a memória não é parte da Prudência"). Feito esse breve enunciado, Tomás vai enumerando as objeções - digamos, quatro - a seu pensamento. Objeções por vezes tomadas à autoridade da S. Escritura, dos Padres da Igreja, dos filósofos, etc. ou concebidas pelo próprio Tomás.

C- Antes de fazer a sua própria exposição sistemática (que será o corpo do artigo), Tomás oferece ao leitor uma breve primeira resposta, em geral invocando alguma autoridade - Sagrada Escritura, Aristóteles ("o filósofo"), Agostinho etc. - e com formulação inicial também fixa: *Sed contra...*, "Mas, pelo contrário...". É este o momento em que Tomás começa, ainda que brevemente, a defender a sua tese: até aqui, tudo eram objeções.

D- O *corpus* é, em geral, a parte mais importante e longa do artigo. No *corpus*, Tomás expõe ordenadamente seu pensamento deixando as respostas particulares a cada objeção para a parte seguinte. A fórmula inicial constante do *corpus* é: *Respondeo dicendum*, respondo que se deve dizer...

E- Finalmente, as **respostas** a cada uma das objeções do começo. A fórmula introdutória constante é: *Ad n ergo dicendum...* Contra a objeção n° tal...

## É a memória parte da prudência?

Tomás de Aquino (*Suma Teológica* II-II Questão 49, artigo 1)

(trad. de Jean Lauand)

Parece que a memória não é parte da Prudência.

*Videtur quod memoria non sit pars prudentiae.*

1a. objeção. A memória, como mostra o Filósofo (*De Memor. et Remin. I*), está na parte sensitiva da alma. Já a prudência, está na parte racional, como fica claro em *Ethic. VI, 5*. Logo, a memória não é parte da Prudência.

*Memoria enim, ut probat Philosophus, est in parte animae sensitiva. Prudentia autem est in ratiocinativa; ut patet in VI Ethic. Ergo memoria non est pars prudentiae.*

2a. objeção. A prudência é adquirida e se desenvolve pelo exercício, enquanto a memória está em nós por natureza e, portanto, não é parte da prudência.

*Praeterea, prudentia per exercitium acquiritur et proficit. Sed memoria inest nobis a natura. Ergo memoria non est pars prudentiae.*

3a. objeção. A memória se dá sobre o passado; a prudência sobre as possibilidades de ação futura, sobre as quais versa o conselho, como se mostra em *Ethic. VI, 2,7*. Logo, a memória não é parte da prudência.

*Praeterea, memoria est praeteritorium. Prudentia autem futurorum operabilium, de quibus est consilium, ut dicitur in VI Ethic. Ergo memoria non est pars prudentiae.*

Mas, pelo contrário, Cícero (*De Invent. Rhet. II, 53*) inclui a memória entre as partes da Prudência.

*Sed contra est quod Tullius, in II Rhet., ponit memoriam inter partes prudentiae.*

Respondo que se deve dizer que a prudência, como mostramos acima (q. 47, a. 5), versa sobre matérias contingentes do agir e, nesse campo, o homem não pode se guiar por verdades absolutas e necessárias, mas somente pelo que acontece na maioria dos casos, pois os princípios devem ser proporcionais às conclusões, que serão da mesma ordem que os princípios, como se diz em *Ethic. VI [Anal. Post. I. 32]*. Agora, é necessário considerar a experiência para saber o que é verdade na maioria dos casos, daí que o Filósofo afirme (*Ethic. II, 1*) que "a virtude intelectual é gerada e desenvolvida pela experiência e pelo tempo". A experiência, por sua vez, resulta de muitas lembranças, como fica claro em (*Metaph. I, 1*). Daí decorre que para que haja prudência são necessárias muitas lembranças. Portanto, é adequadamente que se considera a memória como parte da prudência.

*Respondeo dicendum quod prudentia est circa contingentia operabilia, sicut dictum est. In his autem non potest homo dirigi per ea quae sunt simpliciter et ex necessitate vera, sed ex his quae ut in pluribus accidunt, oportet enim principia conclusionibus esse proportionata, et ex talibus talia concludere, ut dicitur in VI Ethic. Quid autem in pluribus sit verum oportet per experimentum considerare, unde et in II Ethic. philosophus dicit quod "virtus intellectualis habet generationem et augmentum ex experimento et tempore". Experimentum autem est ex pluribus memoriis; ut patet in I Metaphys. Unde consequens est quod ad prudentiam requiritur plurium memoriam habere. Unde convenienter memoria ponitur pars prudentiae.*

Contra a primeira objeção deve-se dizer que como já mostramos (q. 47, a. 3 e a. 6) a prudência aplica o conhecimento universal aos casos particulares, dos quais se ocupam os sentidos. Daí que a prudência requer muito da parte sensitiva, na qual se inclui a memória.

*Ad primum ergo dicendum quod quia, sicut dictum est, prudentia applicat universalem cognitionem ad particularia, quorum est sensus, inde multa quae pertinent ad partem sensitivam requiruntur ad prudentiam. Inter quae est memoria.*

Contra a segunda objeção deve-se dizer que a disposição para a prudência sim nos é conatural, mas seu desenvolvimento vem pelo exercício ou pela graça, como diz Cícero em sua *Retórica* (III, 16): a memória não se desenvolve só por natureza, mas por diversas técnicas e expedientes. E há quatro modos de aperfeiçoar a memória:

1) Estabelecer associações por semelhanças adequadas para o que se quer recordar. Mas não semelhanças usuais, pois com o que é invulgar nos admiramos mais e assim as impressões ficam mais fortemente gravadas: é por esta razão que lembramos mais das coisas que vimos na infância. E, assim, é necessário encontrar semelhanças ou imagens para o que queremos recordar, pois o simples e o espiritual facilmente se desvanecem se não estiverem como que amarrados a alguma semelhança corpórea. E isto porque o conhecimento humano é mais forte com relação ao sensível, e esta é a razão pela qual situa-se a memória na parte sensitiva da alma<sup>12</sup>.

2) É necessário organizar e dispor em ordem aquilo que se quer lembrar, de tal modo que haja uma associação de lembranças por encadeamento. Daí que o Filósofo diga (*De Memor. et Remin.* II) que um lugar, por vezes, nos traz lembranças, pois rapidamente associamos uma coisa a outra.

3) É necessário que o homem tenha solícitude e afeto para com aquilo que quer recordar<sup>13</sup>, pois quanto mais gravadas fiquem as impressões em nós, menos se esvaem. Daí que Cícero afirme em sua *Retórica* (I, 3) que a solícitude conserva íntegras as figuras das imagens.

4) É necessário meditar freqüentemente sobre o que queremos guardar na memória. Daí que o Filósofo diga (*De Memoria* I) que as meditações preservam a memória, pois como se diz no mesmo livro (*De Memoria* II): "o costume é como que uma natureza". Daí que nos lembramos rapidamente do que muitas vezes consideramos, associando, como que naturalmente, uma coisa a outra.

*Ad secundum dicendum quod sicut prudentia aptitudinem quidem habet ex natura, sed eius complementum est ex exercitio vel gratia ita etiam, ut Tullius dicit, in sua Rhetorica, memoria non solum a natura proficiscitur, sed etiam habet plurimum artis et industriae. Et sunt quatuor per quae homo proficit in bene memorando. Quorum primum est ut eorum quae vult memorari quasdam similitudines assumat convenientes, nec tamen omnino consuetas, quia ea quae sunt inconsueta magis miramur, et sic in eis animus magis et vehementius detinetur; ex quo fit quod eorum quae in pueritia vidimus magis memoremur. Ideo autem necessaria est huiusmodi similitudinum vel imaginum adinventio, quia intentiones simplices et spirituales facilius ex anima elabuntur nisi quibusdam similitudinibus corporalibus quasi alligentur, quia humana cognitio potentior est circa sensibilia. Unde et memorativa ponitur in parte sensitiva. Secundo, oportet ut homo ea quae memoriter vult tenere sua consideratione ordinate disponat, ut ex uno memorato facile ad aliud procedatur. Unde Philosophus dicit, in libro de Mem., "a locis videntur reminisci aliquando, causa autem est quia velociter ab alio in aliud veniunt". Tertio, oportet ut homo sollicitudinem apponat et affectum adhibeat ad ea quae vult memorari, quia quo aliquid magis fuerit impressum animo, eo minus elabitur. Unde et Tullius dicit, in sua Rhetorica, quod sollicitudo conservat integras simulacrorum figuras. Quarto, oportet quod ea frequenter meditemur quae volumus memorari. Unde philosophus dicit, in libro de Mem., quod meditationes memoriam salvant, quia, ut in eodem libro dicitur, consuetudo est quasi natura; unde quae multoties intelligimus cito reminiscimur, quasi naturali quodam ordine ab uno ad aliud procedentes.*

---

<sup>12</sup>. Como dissemos, na antropologia de Tomás, a memória é considerada um sentido interno.

<sup>13</sup>. Daí as expressões: "saber *de cor*", com o coração, *by heart*, *par coeur*.

Contra a terceira objeção deve-se dizer que devemos tomar do passado como que argumentos para examinar situações do futuro. E, assim, a memória dos fatos passados é necessária para bem aconselhar sobre o futuro.

*Ad tertium dicendum quod ex praeteritis oportet nos quasi argumentum sumere de futuris. Et ideo memoria praeteritorum necessaria est ad bene consiliandum de futuris.*